This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

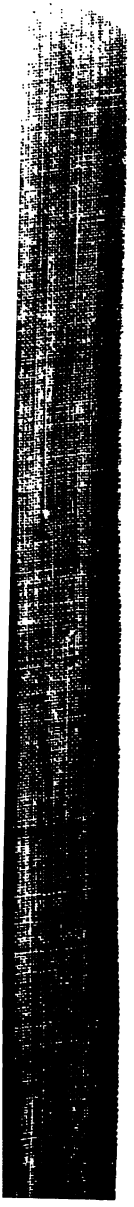
- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

STANFORD UNIVERSITY LIBRARIES



THEOPHILO BRAGA

E A

«ALMA PORTUGUEZA»

Obras do mesmo auctor:

—

PUBLICADO

Apotheose a um romancista (opusculo)
Portugal e a critica (1.º, 2.º e 3.º numeros)

EM PUBLICAÇÃO (no *Echo Scientifico*)

Poetas Portuguezes

A ENTRAR NO PRÈLO

Uma aventura na capital (romance)
A *carne* — Realismo em acção (romance)
Portugal e a critica (4.º numero)

EM PREPARAÇÃO

Os doidos de Lisbôa (romance, 3 volumes)
A arte em Tolstoï (opusculo)

FERNANDES AGUDO

THEOPHILO BRAGA

E A

«ALMA PORTUGUEZA»

(Critica aos DOZE DE INGLATERRA)

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
De Lello & Irmão, Editores
1902

PG 9241
B0[illegible]

Porto — *Imprensa Moderna.*

A Theophilo Braga

Ao seu genio grande
e potente na nobilissima obra de restauração
da litteratura portugueza

Offerece

Fernandes Agudo.

«Por saber e poder, que o homem comporte,
«Sómente o *Amor* harmonico pondera
«A ideia e acção para vencer a morte.»

TH. BRAGA—*Doze de Inglaterra.*

«*Amor* tem cheio d'armas victoriosas
«Em padrões altos, tudo ao derredor,
«Pollas façanhas suas espantósas.»

F. SÁ DE MIRANDA—*Obras completas.*

A QUEM LER

Não consultei livros nem chronicons para criticar a obra de Theophilo Braga. O que aqui se reproduz, não é mais do que um brado d'alma, que a minha admiração pelo grande poeta não quiz deixar morrer.

É pois para lhe reiterar o meu preito d'admiração, e tambem para lhe retribuir a muita dedicação que lhe devo, como litterato, que estas linhas foram escriptas. Que o illustre poeta, a quem as dirijo, m'as acceite como penhor do meu reconhecimento, e ficarei indemnisado.

O Auctor.

I

UM THESOURO—UM LIVRO

«... livro escripto é memoria viva,
e estatua animada...»

FR. LUIZ DE SOUSA
V. de Bartholomeu dos Martyres.

COMO homem de máos instinctos que, forçada uma casa alheia, e entrando nella, lhe roubasse o melhor thesouro dos seus cofres, e sahisse com elle muito aconchegado ao peito,—para não ser presentido ou visto, e sómente com a mira de chegar muito depressa a porto seguro, para ter a ventura dos seus gósos, —assim nós, ha dias, sahiamos do gabinete de trabalho do nosso excellentissimo mestre, o snr. dr. Theophilo Braga, depois de termos recebido da sua propria mão o

primeiro volume da sua collecção, sui
dinada ao conceito de *Alma portug*
za, — que elle quiz iniciar, publica
primeiramente *Os doze de Inglate*
Era este livro o nosso thesouro que t
ziamos muito achegado ao peito.

Theophilo Braga pouco nos d
d'esta obra. Fallou-nos do plano ger
que obedecia aquelle conceito; deu-n
nota exacta do ponto de partida de t
o seu vastissimo trabalho; frisou po
equidistantes na sua elaboração, mas
especial, propriamente em especial,
referencia aos *Doze de Inglaterra,*
nos disse. Maior a nossa curiosid
maior o nosso empenho pela penetr
noberrima na profundidade d'esse gr
engenho, que agora nos mimoseia,
recendo-nos um *solemnia verba*
arrancos da Patria, neste novo po
que nós ainda não conheciamos...

Que coisas nos não perpassaram
mente, d'ali até nossa casa, a respeit
que se conteria neste livro, neste vol

de trezentas paginas, cujo conteúdo o nosso Camões synthetisou em vinte e oito estancias! Inventaria Theophilo Braga? daria largas ao seu genio soberbo, e crearia uma nova epopêa de sentimento e acção, ou teria elle arrancado dos archivos novos documentos, e colligido conhecimentos até aqui desconhecidos, ignorados? O grande restaurador da litteratura portugueza dissera-nos apenas: — «Na minha obra, — dizem-me! — ha um sentimento patriotico que me consola.» E mais nada.

Já, porém, isto era bastante. Já me dava margem a, *in mente*, eu poder commentar do grande trabalho que ia saborear, e, continentemente, poder commungar no sagrado principio a que elle obedecia. E então me affluiu á memoria aquella éstancia decima, do canto primeiro dos *Luziadas*, onde Camões, por sublimidade divina, nos faz penetrar até ao amago da sua obra, incutindo-nos previamente, o altiloquo e grandioso conceito moral e patrio do seu livro:

STANFORD UN
LIBRA

ções
o a
oze
m e
um-
ssi-
en-
a,—
la-
ica
ão,
so,
za
ce

a-
a-

aga,
ro-
Por-
a obra
ilhões do
por ventura,
os exclusivos,
o illustre auctor

esmagar, avassallar mesmo, os propri direitos da raça, esta teve sempre a e nervadura possante para reagir, para l ctar, e para se não deixar nunca confu dir com a camada aventureira que tempos a tempos a assalta e a preten corromper. Ha aqui um sentimento n bre, patriotico, que se não confunde, ne pode desapparecer, porque é um symbc que se deifica no peito lusitano! Es symbolo, que quasi se perde na escurid dos tempos, ainda hoje vibra com em ção e coragem no imo das almas gener sas e intelligentes, que não perdera jámais a noção historica dos nossos pa sados, na intenção de restaurar ao perio aureo das nossas glorias as ricas trad ções nacionaes.

E ainda aqui me recordam estas p lavras, d'uma elegia de Camões:

Que se amor se não perde em vida ausente,
Menos se perderá por morte escura,
Porque emfim a alma vive eternamente,
E amor é effeito d'alma, e sempre dura.

Mas, quando, das minhas locubrações pela historia e pelo sentimento, desço a repousar o meu espirito sobre *Os Doze de Inglaterra,* que agora me prendem e me suggestionam,—porque ha aqui tambem um brado da nossa patria, a assignalar-nos o nome lá fóra, numa aventura que impressionou toda a Europa,—sinto o quer que é de orgulho, de vaidade,—pois vejo que tambem isto não fica esquecido, e que essa obra de resurreição, de evocação do nosso passado glorioso, se inicia agora com a energia e fortaleza de um talento como o que se reconhece em Theophilo Braga.

Alma portugueza, só por si,—a creação d'este titulo [1] em um homem dedica-

[1] Já depois de estar á venda o livro de Theophilo Braga, e de previamente annunciado, appareceu uma publicação romantica, subordinada ao mesmo titulo generico de *Alma Portugueza,* o qual evidentemente é um vil plagiato do da obra do mestre. Protestando desde já aqui contra os vendilhões do templo, deixamos uma nota aos incautos, que, por ventura, menos honrosamente, possam julgar dos direitos exclusivos, pertencentes, e gloriosamente colhidos pelo illustre auctor

do ao trabalho pelo amor,—já nos dá idéa da elevação de pensamentos a que obedecem os seus principios, e da veneração que a sua obra nos deve merecer. Houve aqui já a grandeza de um lusitano, a inspiração de um valente patriota, que sente e soffre com a Patria, e a consagração de um espirito que communga no sacrosanto calix da nação, ungindo-se com o sympathico amor da humanidade.

Alma portugueza, é alma da patria, é a unificação do nosso espirito, é a deificação do nosso amor, é a abstracção de todos os nossos esforços materiaes enfeixados por uma fita de luz, é o supremo pontificado do nosso pensamento, em prol do qual collectivamente

---

dos *Doze de Inglaterra,* do *Viriato,* e d'outras obras que successivamente vão apparecendo sob a mesma denominação. Que se não encubra que o titulo de *Alma Portugueza* é creação espontanea de Theophilo Braga, e que tudo o mais são indecorosas copias, que lhe fazem, sem o minimo respeito pelo juizo publico que vê, e observa, e sobretudo se indigna por tamanho cynismo, indecoroso, em publicações de nullidade artistica, instructiva e moral — como aquell'outra a que me refiro.

combatemos, trabalhamos e nos sacrificamos...

Tanger na alma portugueza deve ser o vibrar hymnos de consolação e ventura, hymnos de coragem e heroismo: deve ser o aspirar o aroma que a aragem, passando por entre o arvoredo florido, nos trás das suas pétalas!

Porém... tinha chegado a casa.

E, como Garrett confessa que lia, ao deparar livro portuguez em terra estrangeira, assim eu me deitei aos *Doze de Inglaterra.*

II

PRIMEIRA IMPRESSÃO

«Patria, teu nome é um symbolo!»

Exclamação do leitor.

Li estas tresentas paginas em quatro horas. Devorei, não li. Não me foi possivel descançar um momento antes de chegar ao fim. Surprehendentes, estupendas, impressionantes estas scenas todas!

Eu esperava outra coisa de Theophilo Braga—palavra de honra! Esperava versos de um philosophismo transcendente, profundo—mas pesado, retumbante, cahindo ás vezes no doutrinarismo positivo e forte, sem o chiste vibratil que os real-

mente poetas sabem intercalar nas grandes scenas da emoção; porém, o meu espanto começou no *proemio*, redobrou na *invocação*, e á medida que fui avançando no movimento da acção, foi-me esta admiração, esta suggestão verdadeiramente bella, atacando a alma, despertando o coração, e quanto mais me fui entranhando na leitura do livro, mais este arrebate de sentidos e de prazer foi tomando posse de mim, e eu posso dizer que cheguei a ser embalado naquella harmonia de sons e cadencia de linguagem magnifica... Theophilo Braga sahiu-me o nosso maior poeta da actualidade, o homem que melhor soube combinar a reacção no sentimento nacional, e ainda aquelle que, em si, soube achar a nota da nossa emoção patriotica, cheia de vida e de amor. É um lyrico, e é um epico, ao mesmo tempo que um narrativo inegualavel!

Theophilo Braga tinha-me dito: — «A primeira impressão é aquella que predo-

mina sempre no nosso espirito: não chega mesmo nunca a ser substituida.» E, a proposito, mostrava-me a *Psychose do Fausto*, poemeto, que tambem eu tive a honra de receber das suas mãos com uma dedicatoria bastante lisongeira para a minha qualidade de principiante. Ouvi ler-lh'o de principio a fim. E depois accrescentou:

«—Não acha que obedece áquelle principio?... reparou naquelle soneto em que se allude a Dante?...»

É este o soneto que elle intercalla na psychose, mostrando-nos o Fausto a devanear comsigo, naquella sua indecisão de se libertar do jugo de Mephistopheles:

Quando o Dante nas ruas de Florença
Vira passar com ineffavel riso
Beatriz, de infantil graça, de improviso
Ficou sob a impressão subita, immensa;

Como luz que irradia em treva densa,
Entrou-lhe n'alma o olhar meigo, indeciso,
Dentro em si sente do *Ecce Deus* o aviso
Que o fez Poeta, em que scisma e pensa!

Vendou a alta visão bruma da morte!
E através dos miserrimos conflictos
Do exilio e fome em terra estrangeira;

Já subindo do mundo dos Precítos,
Viu Beatriz na celestial cohorte;
Mas nada eguala essa impressão primeira.

E continuando a desenvolver esse principio a que obedecera o seu poemeto, accrescenta em genero elegiaco, dirigindo-se já Fausto a Mephistopheles:

Busquei essa impressão! Debalde sempre.
Depois, tudo isso quanto se ha passado
Desde o regresso á mocidade ardente,
Á seducção, ao crime e á loucura,
Tudo me pareceu mesquinho e baixo
D'esse momento do fortuito encontro.
Com desespero o digo: Não pudeste
Dar-me a ventura que eu ambicionara.

Neste poemeto dá-nos Theophilo Braga a nitidissima idéa de que Fausto, recordando-se da primeira vez em que avistara Margarida no meio d'um rancho de raparigas, jámais, embora depois viesse a conseguir d'ella a saciedade dos seus

desejos, pudera sentir aquella impressão, aquella emoção primeira. Embora no momento em que a teve, se julgasse velho de mais para a comportar, e só por um regresso á mocidade elle poderia supplanta-la, não duvidando por isso, dar em troca a sua alma a Mephistopheles, veio a reconhecer que tudo isso não valia uma pequena parte do sentimento que o affectara ao ouvir-lhe, no tal instante, a voz, da janella do seu gabinete de trabalho!...

Este opusculo é para nós um complemento á obra de Goëthe. É profundo na sua idea; e profundamente verdadeiro no seu conceito.

Ora lembrando-me eu d'isto, e tendo ainda bem presentes aquellas palavras do mestre—*nada eguala a primeira impressão*—eu não quiz contentar-me só com uma leitura dos *Doze de Inglaterra.* Recomecei: mas mais pausadamente, saboreando mais, incarnando-me, por assim dizer, na idéa do auctor, na

profundeza do seu sentimento poetic
Coisa extraordinaria!—Quanto mais e
profundo e releio, quanto mais nitida
mente aos olhos da minha intelligenci
eu vejo perpassar o movimento da acçã
neste livro, mais a emoção primeira se m
avigóra, se me avoluma, e até me parec
que neste livro encontro um contrast
flagrante ao principio da *Psychose d
Fausto!*

Theophilo Braga consegue arreba
tar-nos pelo estylo, maviosidade da lin
guagem,—pelo sentimento que imprim
caracter nestas paginas,—e pela suavida
de de pensamento que desdobra com um
proficiencia de mestre, no decurso do se
contexto.

Esta a primeira impressão, attrahent
seductora.

Depois é a profundidade da idéa qu
esta forma diaphana, accentuadamente l
geira, encerra! A gente quasi que se per
de, seguindo atraz d'aquelles pensamento
brandos, que vão embrenhar-se ao long

na espessura sublime da sua creação; mas de repente o auctor arranca-nos á realidade das coisas, e novamente nos encontramos de posse d'aquella acção, toda heroica e nacional. Mas ainda não fica aqui: porque brevemente começamos a achar novos conceitos moraes, novas incisões na nossa vida passada, inteiramente applicaveis ao nosso estado presente...

Ha aqui a nossa patria, que Theophilo Braga quiz encarnar no seu ideal, imprimindo-lhe amor, e incutindo-lhe coragem. Ha aqui a sublimidade epica, que elle soube arrancar do povo lusitano, desnudando-lhe a intelligencia, para nos mostrar que desde tempos remotos nós nos assignalámos,—pois que ao lado do valor heroico e da coragem, possuimos a inspiração intellectual e o valor moral—muito acima das outras nações.

Porém, quando chega a esta altura, o grande poeta, encarando com a vertigem arruinadora da nossa actual decadencia, parece sentir um ataque de revolta e quer

dar-lhe um impulso, para a suster,— bem traduzido d'esta forma:

N'este tremendo e funebre momento
Em que um povo deslisa para a vala,
E apathico se cala,
Sem ter a consciencia do seu fim,
Quem podesse vibrar o sentimento
Das harpas de Taliésin, de Aneurin!
Quando do paroxismo a hora avança
N'um hausto de ideal dar-lhe esperança.

Isto é alma, é vida, é amor...

Como poeta patriota e sentimental, Theophilo Braga conseguiu pôr-se ao lado de Garrett, e exceder a todos os outros que a historia litteraria regista como grandes talentos. Porque aqui não ha o genio exaltado de Macedo, que, concentrado no seu odio, concebe e delinea o *Oriente;* não ha a força satyrica, modelada no ultra-classissismo, em Virgilio e Horacio, de Antonio Diniz da Cruz e Silva que escreve o *Hyssope;* não se encontra a hyperbole, nem a pedantice do estylo de Filinto; não ha a parceria de Ni-

coláo Tolentino; a retumbancia pesada de Feliciano de Castilho é desconhecida neste livro; o cuidado exaggerado na escolha de palavras e monotonia de forma, e baixa precisão de conceito de Alexandre Herculano, não se encontram ali; não se vê ainda ali a hypocrisia de Thomaz Ribeiro, nem mesmo a pieguice, que em muitas partes dos seus livros, se nota em Garrett:—Aqui assim ha uma forma puramente moderna com um caracter exclusivamente nacional.

Em todas as paginas do seu livro este amor se destaca—com uma sympathia suggestiva:

> Merlin, traze-me o dom da prophecia
> Para ver se do Luso a antiga gloria,
> Se esta pequena Terra
> Se tornará suprema ainda na Historia!

É o seu lemma!... E tal a nossa impressão.

III

OS DOZE DE INGLATERRA

«Outros, dando-se a heroicas acções, e feitos illustres, perpetuaram sua fama no mundo...»

ANTONIO DE VILLAS BOAS
Nobiliarchia portugueza.

EM nota ao seu poema, diz-nos Theophilo Braga:

«No canto VI dos *Lusiadas* tratou Camões como episodio epico em vinte e sete bellas outavas a tradição graciosa da aventura cavalheiresca dos *Doze de Inglaterra.* O seu genio esthetico comprehendeu a belleza d'esse quadro, para synthetisar a epoca de D. João I, na qual estavam em voga as novellas de Tavola Redonda e do Santo Graal, a

ponto de terem o nome dos personagens d'esses poemas das aventuras do Amor penetrado na vida civil da fidalguia portugueza, como *Tristão, Percival, Isêa,* (Yseult) *Viviana, Oriana.* O proprio D. João I equiparava-se diante dos seus Cavalleiros ao bom *Rey Arthur*, e via em cada um d'elles a imagem dos Companheiros da *Tavola Redonda.*»

Camões refere o caso dos *Doze de Inglaterra,* que põe na bocca de Fernão Velloso, para, lá, nos longos mares que levam á India, distrahir os nautas, cheios de fadigas, cansaço e somno. A estancia XXXIX do canto VI dos *Lusiadas* dá-nos esta idéa:

Vencidos vem do somno, e mal dispertos,
Bocejando a miudo se encostavam
Pelas antennas, todos mal cobertos
Contra os agudos ares, que assopravam:
Os olhos contra seu querer abertos,
Mas esfregando, os membros estiravam:
Remedios contra o somno buscar querem,
Historias contam, e casos mil referem.

E em seguida, logo, Velloso, nas vinte e sete oitavas, conta a historia dos *Doze de Inglaterra*. Já nos disse Theophilo o que levou Camões a narrar este caso. Agora: que caso é este dos *Doze de Inglaterra?*... É tambem Theophilo Braga que no-lo diz, com uma fina verosimilhança historica:

Com o Tratado que assegura firme,
Foi tambem assignado o casamento
Do joven rei Ricardo de Inglaterra
Com Isabel, princeza infantil, filha
Do rei de França.
A benção do Arcebispo
De Cantorbéry em Calais os une.

Já na Sala estrellada o Rei sentado
No solio está, da côrte recebendo
Mil felicitações dos Duques, Condes,
Das gentis Damas. Bem feliz regresso!
Entre os presentes, notam-se os dois tios
Do soberano, o Duque de Glocéster,
E o de Lencastre, a quem sorrindo abraça
Com effusão: á côrte participa
Do casamento a venturosa nova.

Entre applausos, malicioso exclama
N'um francez culto, usual em toda a côrte,

Desde a conquista antiga dos Normandos,
O Duque de Glocéster:
— Senhor! déstes
Frisante exemplo de prudencia e tino,
Desposando a Princeza de sete annos,
Na edade toda de pureza estreme!
Ah, por certo, esse meio é o mais seguro
De colher uma flôr incomparavel,
A edenica flôr da virgindade,
Em epoca como esta, quando as Damas
Da mais alta linhagem fazem gala
De delirante e audaz desenvoltura,
Tornando-nos odiosos os costumes
Da outr'ora celebrada Côrte ingleza.

Logo o Duque de Yorck, de atrevido
Solta um remoque sobre o mesmo assumpto:

— Tambem os casamentos prematuros
Vantagens trazem; dão ás vezes tempo
De se fazerem dois ou mais divorcios,
Succedendo-se em séries os maridos.

O Rei sorriu-se, e alguns dos cavalleiros.

Certas Damas córaram de despeitadas...

Porém o despeito das damas não ficou sómente no rubor das faces. O vexame, o insulto, era flagrante, para que a bisarria dos seus pergaminhos se curvasse

perante tamanha ousadia! Veio o odio, veio o desespero — e a seguir o protesto.

Protestaram as damas, que eram muitas e de alta nobreza, perante o Rei, que era testemunha da real licenciosidade e *desenvoltura* dos seus corrompidos costumes.

Que fazer nestas alturas? Qual o appêllo da realissima soberania? Elle que estava conscio da verdade insultuosa dos cavalleiros?...

O tribunal da Historia incorruptivel
Sentenceia severo e com clareza.

Abriram a historia. E, como que em pleno consistorio, — onde rei, rainha, damas, nobreza e cavalleiros, tudo era presente, — o Conde de Arundel lê:

= Das mais altas linhagens, as Senhoras
Alarde fazem de desenvoltura!
Vestidas de homem, trajam com donaire
Cotas de seda com variadas côres;
Com cintos de ouro; levam na cabeça
Longos capuzes, que com garbo enrolam

Em fórma de turbante, andando armadas
De punhaes ponteagudos. Sofreando
Indomitos cavallos, imprevistas
Aventuras no seu capricho correm
Essas Damas inglezas, que acompanham,
Taes como ellas, mancebos desregrados...
Os matrimoniaes laços dissolvendo.=

Pára o leitor na vertigem do escandalo. Era o momento dicisivo e a perplexidade unanime. As damas querem um desaggravo. O rei consulta os cavalleiros e estes apontam para o livro: era a formal confirmação das suas palavras de ha pouco, e o solemne *veredictum* nas suas convicções pela alta desmoralisação da nobreza feminina de Inglaterra.

Estava, pois, aberto o protesto, e as damas precisavam de desaffrontar-se. É aqui que começa a acção do poema.

Theophilo Braga soube deixar-nos vêr bem todas as scenas com uma precisão e vernaculidade extremas, com um encanto e suavidade mysteriosos. Vê-se ali a

disposição e a coordenação de factos que nós não estavamos costumados a saborear, nem a possuir — porque ali ha uma linguagem toda nossa, toda filha da nossa acuidade lusitana, perfeitamente acommodada a qualquer côrte d'aquelle tempo... Ha um *quid* que o critico, por mais perspicaz, não classifica á primeira vista sem se sentir coacto, perplexo e admirado, por tamanha incisão philosophica, acompanhada de uma tão alta brandura de sentimentos, e de homogeneidade ideal!

Vêde como elle nos mostrou o *Aggravo das Damas,* por uma forma em que resalta o melindre feminino, ao mesmo tempo que destaca o orgulho da cavallaria insultuosa — a principal causadora do aggravo!...

IV

ESTYLO E CADENCIA POETICA

> «Quando pois na Poesia á natural disposição, que nella tem a parte principal, se ajuntam os soccorros da arte e se dirige ao verdadeiro fim para que foi inventada, traz comsigo aos homens, junta com um maravilhôso deleite, uma pasmosa utilidade.»
>
> José Ag. de Macedo — *Obras ineditas.*

Agora um outro ponto das bellezas estylisticas dos *Doze de Inglaterra.* Quando, em tempos, eu li a introducção de Antonio Feliciano de Castilho ao *D. Jayme* de Thomaz Ribeiro, fiquei bastante admirado com o elogio que o mestre dirigiu a tão novel discipulo. Eu li primeiro a introducção. Porém, depois que li o poema, achei exagerada a opinião do auctor dos *Ciumes*

do Bardo. Achei tres inconveniencias naquelle prefacio—improprias de um critico, e de um talento: a desmesurada pretenção pelos seus trabalhos, que elle quiz pôr acima de todos os existentes, embóra mencione Garrett, Mendes Leal, Soares de Passos, Curvo Semedo e outros; o engrandecimento, demasiadamente encarecido, de um litterato, amesquinhando outros de maior talento; e a tropelia feita aos *Lusiadas,* sem razão de ser e de verdade, querendo que, mesmo nas nossas escolas, o livro de Thomaz Ribeiro substitua aquella verdadeira unificação nacional creada por Camões. É estupendo!... Que Antonio Feliciano foi um grande homem, não o contesto; mas que isto é um contrasenso do seu espirito, é uma verdade incontestavel.

No emtanto, por que attingiria o destempêro de Castilho uma tão phenomenal conflagração?—Por uma razão muito simples: não estava, nem nós estavamos costumados até ali—em 1862, data do

apparecimento do *D. Jayme* — a vêr obras d'aquella estructura metrica e sentimental. Não era vulgar, nem usual, aquella forma de escrever e de expôr as emoções da nossa alma, ali levemente esmaltadas de amor patrio. Até ali — quasi que, com pequenas excepções, — os nossos poetas rimavam, diziam coisas bonitas ao ouvido e ao coração, mas desnudavam-nas do ornamento patriotico, d'esta alma pura e unificada que nos deve vivificar a todos sem distincção de classes e de categorias. Thomaz Ribeiro deu á sua obra uns laivos d'esta luz, e Antonio Feliciano de Castilho assombrou-se, porque elle mesmo desconhecia isso nos seus livros e na sua maneira de expôr.

Se elle hoje tivesse a dita de, como nós, ler os *Doze de Inglaterra*, elle que chegou a trocar o Camões pelo Thomaz Ribeiro — «bem vedes, que vos dou por um portuguez outro portuguez»! (é seu) — estamos convictos que, naquella ordem de elogiar, faltar-lhe-hiam palavras para di-

zer de si a respeito de Theophilo Braga. Porque, emfim, isto que temos presente, symbolisado na *Alma portugueza*, é que é, na forma, na idéa, no conceito, e ainda na linguagem, exclusivamente moderno e totalmente nosso. De Theophilo Braga é que é dizer-se que cresce ao lado de Camões, muito bem nivelado com Garrett, — mas sem amesquinhar um e outro, nem deturpar os talentos respectivos.

Almeida Garrett no seu *Camões* deu-nos uma maneira de sentir exclusivo; Theophilo Braga nos *Doze de Inglaterra*, dá-nos uma maneira de ser nacional.

Mas não nos alonguemos. Vejamos como elle nos mostra toda aquella fidalguia, seguindo Tamisa acima para os paços de Saboya. Vejamos esta nova forma de escrever e de narrar, justaposta a um estylo sublime:

Ao outro dia, sendo já sol alto,
Dos paços de Westminster, doze Damas
E donzellas gentis de inclyta estirpe,
Descendo pela extensa escadaria
Que dá sobre o Tamisa, sorridentes
Em um dourado bergantim entraram;
Rio acima, lá vão arrebatadas
Ao impulso de impavidos remeiros,
Desfraldada a bandeira de Inglaterra.

Entre as galantes damas se destacam
Pela belleza e graça incomparavel,
Egberte, como a ondina do nevoeiro;
Ao lado, mais do que uma rosa fresca,
Na rórida alvorada, brilha Ethwalda!
Que diaphana alvura alabastrina
Tem Adhelm, vencendo a propria neve!
Para que repetir agora os nomes
Das sylphides que encantam? certo, a barca
Açafate de flôres parecia
Fluctuando ao som de agua pelo rio.
E rio acima, ao longo do Tamisa
Pelas auras primaveraes levado,
Era o baixel sagrado da Theoria
Dos mysterios do Amor...
Então, de longe
Se avistam, negrejando no horisonte,
Os sumptuosos paços de Saboya,
Solar do excelso Duque de Lencastre.
Na superficie nitida das aguas
O estandarte real roçava ao leve,
Ostentando bordado a fios de ouro
De Inglaterra o Leopardo, emblema altivo.

Um menestrel á prôa vae cantando
Lai vehemente, que as virações decóram,
E os remos em compasso cadenceiam:

Pensamento
Indeciso
Do momento
Que se gosa,
No perfume
De uma rosa
Vagamente
Se resume,
Pois suggere
E provoca
De repente
Um sorriso
Sobre a bocca
Da mulher.

*

Um sorriso...
Da belleza
Pura norma
Não se finge,
Casto emblema
Da visão
Sem egual;
Mas o Poeta
O transforma
Na expressão

De um Poema,
Em que attinge
Com surpreza
O Ideal.

*

D'esse Poema
Tira o povo
Cantar novo,
Vivo thema!
Mas ignora
Quem o fez;
Na voz solta
Que resume
O perfume,
Riso e verso,
D'essa hora
Fugidia,
Tudo volta
A' energia
Do universo
Outra vez.

Que cadencia! Que clareza de expresso!

Quem não vê aqui nitidamente o balhar compassado dos remos na superfície da agua por onde o barco ligeiramente

vae deslizando?! Quem não vê esta forma tão bella, onde quasi uma palavra se não repete? Isto tem arte, exige talento e é bello, dá-nos, mesmo, a visão plena do sublime.

Mas, quando os faz entrar nos paços de Saboya, e se trata de escolher quem possa tomar a peito o desaggravo d'essas damas offendidas no seu pundonor fidalgo, é então que o poeta por um conhecimento quasi universal do estado dos paizes, faz sobresahir Portugal á altura do seu valor, como o unico em Honra e Brios, Valor e Coragem, capaz de desaffrontar uma infamia—seja ella passada a dentro do reino mais forte e poderoso!

O grande poeta conhece o seu paiz e por isso o ama: d'esse amor são filhas as seguintes estrophes immorredouras nos annaes da nossa crença invicta. É quasi como em um genio de revolta que nos faz sentir esta sua passagem do lyrismo para o epico-narrativo:

Vós conhecestes esta onda humana,
Quàndo mais de cem mil, cegos de furia,
De Essex e de Kent nos Condados
Se alvorotaram; mais, quando irrompendo
Pela Ponte de Londres, arrombavam
As portas da Cidade! N'esse tempo
De Saboya o palacio foi queimado
Com todas as riquezas que continha,
Joias e indumentarias maravilhas!
E lá por França? Os *Maillotins* não vêmos,
Ante os quaes abandonam a cidade
De Paris o Preboste e o proprio Bispo,
E toda a Burguezia rica! Vêde
Tambem no Languedoc! Ahi mataram
Os *Tuchins* a Nobreza, só porque ella
Tem as mãos delicadas, brancas, finas!
Ah, se olharmos agora para a Italia,
Ahi vereis os *Ciompi* levantarem-se
Em Florença! Ora em Flandres já se insurgem
Os brancos *Chaperons*... Ah, Senhor, temo
Que exterminem do mundo a galhardia!
Um vento de revolta corre o mundo,
E alevanta da gleba estas poeiras!
Mas não se perdem justas esperanças;
Conheceis Portugal! N'aquella terra
Morrem de amor ainda os Cavalleiros;
E vós sabeis como o Amor é sempre
Vivo estimulo do Valor e da Honra!
Foi pelo amor, que um grupo de mancebos
A *Ala dos Namorados* constituindo,
Jurou salvar a Patria portugueza
Ante a invasão das hostes de Castella!
O heroico Amor centuplicou-lhe as forças;
Triumpharam na victoria incomparavel
No campo e matagaes de Aljubarrota.

Vê-se por aqui que Theophilo Braga, o grande poeta, deseja fazer reviver no nosso espirito esta heroicidade movida pelo amor, que nos dá arrancos de força nas luctas da vida e das restaurações nacionaes.

É este amor que, identificando-se com a alma da nação, nos fará vibrar prodigios imprevistos, e sobretudo saldar victorias de que somos capazes. Vendo o descalabro de toda esta nossa corrente politica, quer insufflar-nos o amor da pàtria, pela historia gloriosa dos nossos passados, para ver se, com este impulso, sustemos Portugal na sua voragem!

V

A EMOÇÃO NO AMOR

El amor es un himno permanente
que, después que emmudece el que lo canta,
otra nueva garganta
lo vuelve a repetir eternamente.

CAMPOAMOR — *Humoradas.*

Ó puro amor! ó quinta essencia!
Do Inferno sacas Bienaventurança.

MARQUEZ DE ALEMQUER
Da *Nova Floresta* de Bernardas.

ASSIM seguindo não quiz o auctor dos *Doze de Inglaterra*, em tão propicia obra, deixar passar a occasião de abordar um assumpto que a todos os philosophos antigos e modernos tem servido de thema — o amor. Aos poetas tem sido a base de sublimes inspirações, como em Ariosto, Dante, Petrarcha, Goëthe, Milton, Shakespeare, e tantos outros divinos improvisadores, quer em verso quer

em prosa, incluindo o nosso Camões, gloria immortal da patria portugueza. Aos guerreiros tem dado impulso ás suas campanhas, chegando, por vezes, a ministrar-lhes prodigios de valor e coragem até á affronta da propria vida. Aos amantes tem levado á loucura das suas acções, e até aos proprios pais e mãis de familia arrastado aos mais perniciosos e cruentos sacrificios.

O amor é, pois, uma grande força psychologica que, em todos os tempos, se tem tentado definir, mas para que se não encontra uma phrase condigna, uma definição adequada, ou uma expressão que satisfaça. Chamou-lhe Schopenhauer a illusão mais viva que conduz ao pantano, e se desvanece: errou, porque o amor não é só o destempero. Chamou-lhe Goëthe uma imprecação de cuja atrocidade elle não via o fim; tambem o amor não é aquillo, porque,—quantas vezes o amor leva á ventura! E os antigos, sem o caracterizarem, mas por uma forma pura-

mente abstracta e generica, já tinham dito tambem:

Tu, deorum hominumque tyranne, Amor!

foram mais justos, mas muito severos. Egualmente o nosso Camões quiz definir o amor e accrescentou:

Amor é um fogo, que arde sem se ver,
E' ferida, que doe, e não se sente,
E' um contentamento descontente,
E' dôr que desatina sem doer.
E' um não querer mais, que bem querer,
E' um andar solitario entre a gente,
E' nunca contentar-se de contente,
E' um cuidar que ganha em se perder.
E' querer estar preso por vontade,
E' servir a quem vence o vencedor,
E' ter com quem nos mata lealdade.
Mas como causar póde seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrario a si é o mesmo amor?

Ainda outros muitos, como Chamfort, e Burger se deram a interrogações e commentarios sobre esta particularidade animal, mas sempre com indecisão e reco-

nhecida falta de segurança foram dadas as suas respostas. Balzac foi mais restricto, e quiz concentrar, quasi exclusivamente, entre homem e mulher todo o amor humano; na sua *Phisiologie du Mariage,* diz-nos elle, por exemplo: —«Entre dois seres que se amam, existe um genio dissoluto; porém, se as caricias são presididas pelo amor, não póde haver lascivia.» E assim o auctor toma o amor como o symbolo da pureza, da harmonia virgem entre duas almas enternecidas. Este pensamento parece ser corroborado por um outro tambem seu que diz: «A mulher, em amor, posta completamente de parte a alma, é como um lyrio, que não confia os seus segredos senão áquelle que os sabe gosar completamente.»

De maneira que muitas divergencias se têm escripto sobre este assumpto, talvez todas verdadeiras, desde o momento que se unifiquem; separadas... serão sempre uma questão.

Theophilo Braga, que segue no seu

poema o ideal da Patria amada, fez tambem estas interrogações no ultimo canto:

O que é o Amor? que torna o Heroe forte;
Que ao Poeta dá a alta visão do Bello?
Que acalma a dôr, e vence mesmo a morte?
Que une as almas em secretissimo élo?
Não o sei n'este momento!
Explicae-me o ineffavel sentimento.

A Offterdingen, um dos personagens do *Entremez da camara estrellada*, dá o poeta esta resposta bastante positiva e real:

Para mim, e por quanto eu entrevejo
Na vida do Universo,
O Amor — é o Desejo!
Submette o Cáos revoltoso, adverso;
Funda a Ordem illeza
Na harmonia immanente á Natureza.

Porém, só por si, este qualificativo não caracterisava bastantemente a idea do poeta: porque não é só aquillo o amor. Abeillard, em uma das suas cartas, dissera a Heloïsa: — «o amor crê no que te-

me... a sua grandeza encontra o fundamento de piedade na fraqueza humana.» De maneira que ha um *quid*, mais ideologicamente profundo que o Desejo, que nos submette a provações de uma ordem puramente sentimental ou dolorosa, que nos infunde allivios de prazer ou laivos de pezar amargo, segundo a força das circumstancias em que elle foi concebido e a que os seus effeitos nos levaram. E é, neste sentido, que a infeliz Heloïsa interrogou, respondendo ao seu amante: «—para que entregarmo-nos a uma apprehensão inutil, muito mais rigorosa que os proprios males que tememos, quando uma desgraça irremediavel nos ameaça?» Heloïsa cedia aqui ao pensamento constante do seu amor, que dia a dia a esmagava mais. É verdade que o amor de Heloïsa tinha muito do tal *desejo*, como se pode notar em muitas passagens das suas cartas, nesta por exemplo:—«Nos logares mais santos, mesmo aos pés do altar, eu conservo a recordação criminosa dos nos-

sos prazeres passados: é ella o objecto da minha vida; porém, longe de lamentar o ter-me deixado *seduzir*, eu suspiro polos ter perdido.» Ha, todavia, nestas duas proeminentes figuras, martyres de um amor mal comprehendido,—como entre nós o houve na desventurada Marianna d'Alcoforado com o tal cavalleiro francez, ainda hoje desconhecido—alguma coisa mais que desperta commiseração d'alma, e nos arrasta por veredas tortuosas—bem desgraçadas ás vezes. E é esta idéa que Theophilo addiciona pela resposta immediata de Eschenbach:

Para mim, ai, revela-m'o a existencia,
O Amor é a Piedade!
Conflagra-se a Materia com violencia;
Só a rasão descobre a immanencia
Da latente unidade.

Pela Piedade a alma em nós se apura,
Sublima o soffrimento!
Lá do Monte Salvat no ethereo assento,
E' que existe do Amor a noção pura,
Ideal conhecimento.

. . . . . .

Reporta-nos depois o poeta, por uma natural e profunda philosophia á Dôr humana, ao soffrimento, ao Espectaculo do Universo, e então nós, num arranco de patriotismo que as palavras d'esse Percival fazem vibrar, somos guindados á altura real do Amor, á causa principalissima da acção, e é neste momento que a nossa intelligencia penetra, por uma intuição magnetica, nessa nova phase que elle nos expõe, entre nós ainda sem precedentes. É surprehendente e maravilhosa a forma porque este thema ali se encontra tratado!

Porém vejamos ainda o effeito que essas vibrações emocionaes produzem na Humanidade. Vejamos ainda quão fundo perfura, a dentro do todo social, esta synthese ideal, symbolisada na palavra —Amor:

Do Universo n'esta horrorosa trama
E interminavel lide,
Os que soffrem, a Dôr mais os divide
No grupo estranho — *Aquelle que não ama.*

Esse vae arrastado
Pela corrente cega
Por paixões e appetites dominado,
E toda a vida emprega
Sem outra luz ideal
Na sensualidade do animal,
Vaidade do talento,
Orgulho do Poder ou formosura,
Na riqueza, oú na gloria de um momento,
No odio do interesse...
Tudo por fim perece
Arrojados á paz da sepultura!

O que não ama! Esse entra e sae da vida
Movido unicamente pelo espinho
Cravado no seu sêr
Do estimulo da cousa appetecida!
E a final no cansado desalento
Do illudido prazer,
A morte o elabora em seu cadinho,
Dá-lhe apaziguamento,
Sem que, aterrado, a possa comprehender.

Os outros são *Os que amam!* Fazem esses
Do Amor o ideal da vida;
Amam o Bello, o Bem sem interesses;
Das emoções, deliciosas mésses,
A Dôr é supprimida!
O puro ideal os leva ao sacrificio,
E então a Morte é-lhes da vida o inicio.

Esse Amor tem a expressão completa,
Se á condolencia a alma nos conduz;
A existencia da Dôr sempre repleta
Foge á fatalidade,
Aureolada de indefinida luz,
Pela emoção suave da Piedade,
Como a sentiram Budda e Jesus!

E' nossa mãe commum a Humanidade,
Em seu seio nos trouxe
Da civilisação á enorme altura!
Symbolo augusto e doce,
D'essa angustiada e ideal maternidade
A Virgem-Mãe é sempre a imagem pura.

A Virgem-Mãe, trazendo nos seus braços
Esse votado ao sacrificio, o Filho,
Que na renuncia funda a liberdade,
Com que célico brilho
Seu amor illumina os nossos passos,
Ensinando da condolencia o trilho!
Oh Mater Dolorosa! és a Piedade.

E d'esta forma o amor vem-nos da Humanidade pelos preciosissimos veios da piedade, e insuffla-nos a coragem e o valor. Pela *piedade* chegamos ao *desejo* de retribuir á humanidade a divida con-

fraternal que nos une — e esta união harmonica — é o amor.

Theophilo Braga, abordando este assumpto, e desenvolvendo um thema tão melindroso, imprimiu-lhe um caracter tão exclusivamente moderno, consentaneo e harmonico, perante as vistas de quem saiba avaliar a profundeza scientifica da sua exposição que, para nós, é isto uma das concretisações do Bello!

No seu livro, ainda sobre este ponto, destaca-se uma particularidade pouco vulgar — que propriamente os grandes philosophos não poderam attingir: vê-se que agarrou nesta concepção ideologica e a acommodou justamente ao todo social, fazendo tocar todos os pontos sensiveis da emoção humana. Isto é um triumpho da mentalidade laboriosa, que deve orgulhar a todo o portuguez, que bem prese a sua patria, possuidora de um tal talento.

VI

LENDAS DO POEMA

«... durão as memorias menos nas tradições, que nos escritos.»

JACINTHO FREIRE D'ANDRADE
Vida de D. João de Castro.

UMA outra concepção nova nos dá este livro na intercallação apropositada das lendas que inundam, como reflexos de fogo, o reinado de D. João I.

É a lenda uma maneira de sentir, propria, de povos intelligentes, guerreiros e heroicos, filha primogenita das suas façanhas e da sua superioridade perante outras nações.

Quer as lendas sejam nacionaes, ou individuaes, ha nellas sempre um cunho

de grandeza moral que se destaca e nos faz vibrar exclamações de enthusiasmo e de calor. «Para que se formem lendas individuaes, disse-nos ha tempos Antonio Candido, em discurso, é mister que sejam fortemente commovidos o coração e a phantasia popular; e só duas cousas produzem este effeito: *a heroicidade, e a suprema bondade provada pelo sacrificio.* É preciso que as façanhas d'um homem excedam os limites visiveis do seu poder proprio, ou que a sua piedade seja infinita, para que o immenso poeta, que é o povo, improvise essas epopeias, tecidas de fios d'ouro, na sua alma limpida, ingenua, maravilhosamente inspirada! Fóra d'estes casos, pode edificar-se para a historia; póde merecer-se a tradição verbal, mais ou menos encarecida; mas não se entra nos moldes da inspiração anonyma, que obedece, nas suas creações, a leis de uma ordem especial.»

Estas lendas podem nascer ou da emoção tragica de um facto historico que se

transmitte de epoca a epoca, de geração a geração, como succedeu á de Ignez de Castro, ou de um facto guerreiro e imprevisto, assombroso, pelos casos excepcionaes que o cercam, como succede com a victoria do Campo de Ourique, emprehendida pelo rei Conquistador. É sempre uma força immanente da admiração do povo que faz sobresahir estes factos, avolumando-os, e cercando-os das perfeições estheticas, mais ou menos possiveis da sua intelligencia exaltada. «Os seus factores, continúa o distincto orador, são a *grande força* ou a *bondade exaltada;* mas força empenhada num fim nobilissimo, e bondade exercida sympathicamente: aliás não as nutre o povo com o sangue do seu coração e com o leite da sua alma. É ainda preciso que o personagem brilhe ao sol, á luz de todo o mundo, e que a acção que o divinisa seja entendida facilmente. O genio popular vê, não indaga; impressiona-se, não estuda...»

Assim é.

O reinado de D. João I, cortado de agitações e de passos tão decisivos para a historia futura de Portugal, foi por isso um daquelles que melhor se prestou á phantasia do povo, nas suas concepções grandiosas da aventura e do genio cavalheiresco. A evidencia quasi inesperada d'este principe, a preponderante hegemonia que em breve tempo alcançou em todo o reino, as suas façanhas quasi milagrosas de feitos d'armas, como o de Aljubarrota, que elle quiz attestar e perpetuar ás almas crentes nessa soberba Batalha, confirmaram-lhe os direitos de um homem extraordinario que a plebe circumdou de outros tantos prodigios que deram origem ás muitas lendas. E, para ser completo o quadro, nem lhe faltou essa soberba aventura dos doze cavalleiros que, por um impulso d'amor e brio, mar em fóra, lá vão assignalar um extraordinario duello, tão epicamente detalhado no livro de Theophilo Braga.

«Tem esta lenda cavalheiresca, diz-nos

o poeta previamente, a importancia de precisar o momento em que esse sentimento tem por objectivo a *ditosa Patria* amada, e em que a audacia aventureira se vae exercer nas Explorações maritimas pela costa africana e Atlantico, até á realisação dos grandes Descobrimentos da róta da India, do Brazil e da Circumdação do globo. Este momento em que o vago impulso tenta exercer-se em uma acção historica, fica accentuado nos *Doze de Inglaterra.*» Porém neste poema, o poeta, conseguiu propriamente dar-nos o que nem Camões soube distinguir. Porque, intercallando em toda a acção da obra, a par dos factos da historia epica, soberbas lendas, inteiramente phantasticas, como a do *Percival errante*, o *Perdão de Lohengrin*, soube destaca-las na bocca dos proprios personagens com uma precisão que se não confunde com a historia, e muito menos ainda com as exclusivamente portuguezas como *A Ala dos Namorados*, o *Crisanto do*

Amadis e o *Amor e Morte.* Camões não fez d'isto: pois que, ou seja na preponderancia que faz exercer pelos deuses no movimento da sua acção, ou seja na narração epico-historica dos acontecimentos, elle quasi que confunde o verdadeiro com o falso e a phantasia com a historia. Ainda neste ponto Theophilo Braga foi mais perfeito que Almeida Garrett, porque, quando este reuniu as lendas populares portuguezas, desmembrou-as da epoca historica a que pertencem, deixando-as por assim dizer isoladas, o que não acontece nos *Doze de Inglaterra*, em que as vemos reportadas á sua data propria.

Theophilo Braga parece ter ainda, na execução do seu plano, obedecido a um segundo principio: — julgando, talvez, que, sem ellas, o poema ficaria desmerecido de vida e sentimento, intercallou-as, para suavisar. Não ficava: com ellas, o poema tem mais alma, e maior corroboração do sentimento artistico — sómente.

Quando em 1898 o illustre litterato

publicou o seu *Gil Vicente*, disse-nos em uma das suas paginas: — «Por uma clara comprehensão dos phenomenos sociaes e das formas de cada civilisação se adquire o criterio para bem avaliar as manifestações do genio esthetico, em qualquer arte ou litteratura.» Nos *Doze de Inglaterra* continuou o seu plano. Obedecendo aos phenomenos psychologicos da epoca a que se reporta o seu poema, o poeta arrancou d'ahi essa visão sublime do futuro, reparando e observando ao seu paiz contemporaneo, como outr'ora Virgilio em uma das suas eclogas — a segunda:

O formose puer, nimiúm ne crede colori.

Effectivamente, a Portugal de 1902, nós, recordando-lhe as glorias da sua historia, teremos sempre de ir notando: «Creança esbelta, não te deixes embalar nos loiros do passado...»

As lendas evocadás nos *Doze de In-*

glaterra, são, pois, uma innovação utilissima que todos nós devemos acatar como a crença do nosso heroismo e amor patrio.

Embora Theophilo Braga, para as agrupar, tivesse algumas vezes de arrostar com o personagem por veredas tortuosas e difficeis, como succede ás apontadas no trajecto do *voto do Magriço*, nada isso influe na belleza e perfeição do poema. Assim nós vemos Alvaro Gonçalves seguir por terra para Guadalupe. Aqui nós ficamos conhecendo a existencia do tumulo de Ignez de Castro, cujo odio pelo Mestre de Aviz, o irmão d'esse principe morto, claramente manifesta ao cavalleiro portuguez. D'aqui Magriço é reportado ao Porto; sem duvida, o poeta dirigiu para ali o personagem para, por sua vez, nos contar a lenda d'essa martyr emparedada, que o viajante depois encarna na *Bella Portugueza*. D'ali, pela impossibilidade metaphorica do embarque, e por uma coincidencia estranha, é levado

ás Cóvas de Salamanca, tão celebres ainda hoje, na alma popular das nossas provincias. O poeta vae-nos narrando tudo isto com uma inspiração sublime e encantadora. Segue-se-lhe depois Compostella, Paris, e, numa parte e noutra, é, ou a lenda de Santiago, por quem os nossos bradaram em Aljubarrota, ou os Cantos Religiosos de França, que se traduzem perfeitamente no *Calix iste*, no *Osculo da traição*, na *Lenda da andorinha*, no *Barizel*, o seu grande arranco de visão humana e da psychologia. Perdoa-se perfeitamente a incoherencia de uma viagem, varias vezes cortada em direcções differentes pela harmonia de conceito que ella nos traz, e pela vastidão de principios que encerra.

Ainda aqui Theophilo Braga foi um grande poeta: porque, sem sacrificar a historia á arte e á comprehensão esthetica, soube por uma simples tergiversação de itinerario, alliar o Bello ao Sublime, e a Phantasia ao Facto.

A lenda, pois, no seu livro é uma das modernas formas da poesia, que, pela disposição em que se encontra, é uma nova forma de conceber.

A sua importancia, para o estudo psychologico de um povo no aproveitamento das suas ficções e mythos, já elle no-la mostrára e demonstrára naquella sua outra obra *O povo portuguez nos seus costumes, crenças e tradições.* É digna de registo a base sobre que assenta o seu principio: «Á falta de um titulo, Vico deu o nome de *Sciencia Nova* ao conhecimento derivado dos vestigios tradicionaes dos povos explicando as suas instituições e historia. Esta sciencia teve um desenvolvimento crescente, mas sem plano synthetico; Grimm estudou os *symbolos* conservados nos velhos documentos germanicos e nos costumes, Herbart sentiu a necessidade de estudar a psychologia no povo, e Waitz continuou este novo criterio nas differentes raças humanas tomadas em conjuncto; as litteraturas po-

pulares foram estudadas como base tradicional das grandes obras primas, como a *Divina Comedia*, o *Decameron*, as *Tragedias* de Schakespeare e o *Fausto;* os estudos da Anthropologia procuraram differenciações dos povos nos costumes ou modos da sua actividade. As superstições populares vieram completar os processos da Sciencia das religiões; e a historia comparativa procurou as origens consuetudinarias das instituições sociaes e politicas.»

O processo philosophico moderno, na sua expressão de actividade e investigação, trilha precisamente este caminho e vae procurar nas coisas mais simples e de caracter puramente popular, a base das suas affirmações scientificas, e, até muitas vezes, transcendentes. É o povo o grande todo, que nos ministra um manancial abundante e inesgotavel de conhecimentos, synthetisados em maximas, aphorismos, ditos e contos simples, què muito são para aproveitar, pois que, num

periodo futuro, mais perfeito em concepção esthetica, virão enriquecer os estudos sociaes, anthropologicos e sobretudo da psychologia humana. Não confundir no emtanto o mytho com a superstição; porque se uma é a consequencia do outro, ambas têm a sua classificação respectiva—pelo que exigem attenções differentes. No segundo volume da obra supracitada, vem esta distincção tão poetica quanto naturalista: «O mytho é como um ramo de arvore que se reveste de folhas, de flores, de gômos e de fructos, segundo a estação, até que, passado o calor que provoca esse trabalho organico, as folhas amarellecem e caem e fica apenas um galho sêcco reduzido á sua simples estructura... A superstição é este ramo sêcco e desfolhado em relação á efflorescencia espontanea dos mythos.»

Já no *Cancioneiro e Romanceiro geral*, Theophilo nos dissera: «Todas as descobertas sem as quaes a vida se tornava impossivel, todas as instituições em

que se funda a sociedade, todas as creações sublimes em que os sentimentos eternos da humanidade se traduzem, saem de uma elaboração lenta e obscura, da inspiração anonyma.» E esta collaboração das chamadas visões populares bem aproveitada virá naturalmente derramar luz no espirito dos pensadores e obreiros scientificos, que farão d'ella uma alavanca poderosa, e as grandes descobertas que deveram a sua realidade a casos fortuitos, temos que serão secundadas por outras de igual valor, já no ramo das sciencias comparativas ou no das sociaes.

E tal é o fim com que Theophilo Braga introduziu no seu poema todas as lendas que, no tempo da sua acção, errariam despercebidas pela bocca do povo inconciente, e sem criterio scientifico capaz de distinguir a sua utilidade.

VII

O ELENCHO DO POEMA

«... as suas invectivas penetrão tanto mais, quanto são mais finas, que as dos outros...»

CANDIDO LUSITANO
Na *Arte poetica de Horacio Flacco.*

CONSTA o poema de doze cantos. Não vem para aqui o desenrolar a acção de cada um; porque nos daria isso um grosso volume que nós não queremos nem devemos fazer. Já tivemos occasião de apontar algumas bellezas do seu entrecho, de reproduzir a nossa maneira de vêr sobre a altura a que elle deve ser collocado,—pouco nos resta para dizer. Não queremos, além d'isso, de forma alguma, que aquelles que nos lerem, pelo esmiuçado da exposição, se julguem dispensa-

dos de estudarem aquella obra: pois que ella é para se estudar: devia ser, mesmo, um livro para as escolas, como diria Castilho.

O poeta moderno,—já o dissemos,—resalta ali com uma grandiosidade incomparavel, afastando-se por completo do passo monotono, falho de inspiração, que os do nosso tempo têm trilhado, sem ideal, propriamente definido, abeirados a qualquer *quid*, que elles chamam mestre, repetindo, quasi, o que está dito, e, entranhando-se em tudo que Theophilo Braga desprezou. Nos *Serões de S. Miguel de Seide*, diz-nos Camillo, a proposito do «infantilismo do poeta» moderno:

«A trova pode expirar-lhe jovial, arpejada no mandolim trovadoresco ou na guitarra fadista; mas o semblante ressumbra-lhe sempre a tristura das ideas incomprehendidas. Deixal-o dizer que é sensualista como Musset, sarcastico como Baudelaire e atheu como Richepin. Nos escaninhos tenebrosos d'essa alma,

remorde uma preoccupação que o não incita a desfibrar coraçoens de mulheres como Rolla, nem estrangular preconceitos, nem pulverisar as religioens como aquelles dois demolidores, corifeus do satanismo. O poeta portuguez da ultima colheita, por via de regra, é bacharel-formado; não pende a fronte febril de reformas sobre o ergastulo do Portugal hemiplegico, nem se inquieta com o mysterio d'além-tumulo — essa eterna provocação aos pessimistas que não crêem em Deus; queixam-se, porém, amargamente porque Deus não se lhes manifesta.»

Afóra a allusão propriamente dita ao ignoto Deus d'além-tumulo, que não vem para o caso do poeta moderno, Camillo Castello Branco, teve uma visão intuitiva do poeta que deve ser,—inteiramente estremado do bardo antigo com *as suas serodias puerilidades.* Criticou-o forte e asperamente, mas obedeceu, todavia, a um incondicional defeito de collocar Castilho na frente de todos os modernos.

excus

salta

lliad

nossa

a p

se a

s e a

o e

pe

rdo

fac

loz

is

ra

e

E isto bastou para ser revestido das mais soberbas e desencontradas lendas que agora vemos reproduzidas com maestria e superioridade esthetica. Era preciso que aqui, ou em Inglaterra, os embaixadores que vinham assignar o tratado, passassem desapercebidamente por entre o povo exaltado. Era preciso que D. João I, ou o Rei Ricardo, reconcentrados e adentro de gabinete com os ministros, pudessem combinar e assignar á vontade, sem ser notado ou comprehendido o seu intento. E conseguiram-no: porque aqui ou lá, o povo embrenhado e embriagado na folia — que hoje, como então, o despreoccupa e lhe absorve a attenção — não queria saber nem vêr outra coisa mais do que o resultado honroso que d'esse impressionante duello, lhe podia advir para os seus brios de lusitano, ou de saxão. Dos perniciosos resultados de tal embuste, teve o cavalleiro João Pereira da Cunha — um dos doze, — inteira visão, quando, em pleno banquete — que o poeta nos narra no can-

to XI,—pespega com uma taça, em cheio, na cara de Austin, um dos amigos intimos do Monarcha inglez, sómente porque este cortezão ousou interrompe-lo no momento em que o nosso ia erguer o seu *gab*. Vê-se nesta acção a coragem de um lusitano que se sente ludibriado nas suas intenções sagradas.

As palavras, que o poeta pôz na bocca de Austin, no momento em que Pereira da Cunha se erguia, são estas:

—«Para que te cansar mais, Cavalleiro!
Esses feitos, que ambicionado tendes,
Se realisados forem, certamente
A Portugal darão fumos de gloria;
Será tudo em proveito de Inglaterra!
De Inglaterra, da qual é feudatario,
Servindo-a com galés em guerra armadas
Dez, e por mezes seis consecutivos,
E defendendo-lhe a Corôa ingleza
De ameaças de Castella — a independencia.»—

Este era o tratado que o nosso cavalleiro ignorava. E, por certo, como a todo o bom portuguez, uma revolta intima isto lhe produziu,—o que bem significativa-

mente traduziu, arremessando-lhe a taça á cara, para lhe mostrar que o povo portuguez não respeita tratados, desde que elles venham aviltar o caracter da Patria!

Porém Theophilo Braga nestes doze cantos soube imprimir-lhe um tom que quasi não fere estas notas senão por accidente, sendo comtudo este o teclado do poema. Seguiu exactamente no seu elencho o que, vagamente, se sabe ter-se passado no tempo do Mestre d'Aviz; quer dizer: assim como D. João I, para assignar aquelle tratado com o Rei de Inglaterra soube afastar d'ahi as vistas do povo, distrahindo-o com festas, danças, e outras coisas impressionantes, assim tambem Theophilo foi retirando da plataforma da sua obra a idéa principal, introduzindo o leitor em todos os salões aonde havia divertimentos, recitações, entremezes, aproveitando, para isso, todas as lendas da epoca, verdadeiras sublimidades artisticas, e deixando-nos a furto, como que descuidadosamente, vêr as poucas

vergonhas da politica, nas suas cavillações para com o povo. Isto é de uma grandiosidade de conceito, e de uma altura de vistas, que confunde o bom critico e o melhor patriota.

Assim no primeiro, no segundo, e no terceiro cantos encontramo-nos nos paços de Saboya, e ahi vêmos desenrolar-se o germen que, metamorphoseando-se em um *aggravo* pouco coherente, veio a dar no canto quarto a *mensagem ducal*—que tinha por fim a *santa alliança*—toda rodeada de pretextos e de embustes, bem visiveis no canto quinto, passado na *sala das pêgas*, em Cintra, onde o rei D. João, depois de assignado secretamente o tratado em Lisboa, chega com o embaixador de Inglaterra para fingir que tambem quer assistir. No canto sexto ha o *festival da partida* dos cavalleiros para o torneio, todo revestido de jograes, cantilenas, danças e outras festanças para entreter e para confundir bem mais a intenção da embaixada. Vêm depois os can-

tos setimo e oitavo, e esses aproveita-os o poeta para nos descrever e cantar as lendas do tempo. No nono já os vêmos na côrte ingleza, onde tudo anda azafamado, em preparativos de festa, emquanto os nossos embaixadores, com o Rei de Inglaterra, confirmam o que já D. João I tinha assignado. No canto decimo apparece-nos o *torneio*, em que mais uma vez os nossos se assignalam; e no undecimo os *gabs do banquete*, que tão tragicamente finalisa pelo vehemente protesto de Pereira da Cunha, que fez da cara de Austin o que nós deviamos ter feito muitas vezes dos esponjosos esmaltes da corôa ingleza. No duodecimo levanta o poeta as suas vistas para a *empreza tingitana*, os quaes baixa depois, em epilogo, sobre o *crepusculo da historia*, que concretisa nas nossas futuras descobertas.

É um elencho sublime, da força do qual nós não possuiamos em lingua portugueza.

VIII

ULTIMAS EMOÇÕES

«... melhor é chegar-se uma pessoa ao fogo, do que avistar-se com uma mulher...»

P. Manoel Bernardes — *Nova Floresta.*

«Não mais, Musa, não mais.....
..... que venho
Cantar a gente surda, e endurecida.»

Camões — *Lusiadas.*

Parece que, exposto o capitulo antecedente, não deviamos avançar mais, visto que estava totalmente esboçado o nosso plano. Mas duas coisas ainda nos ferem emocionalmente para que não finalisemos, sem sobre ellas nos revelarmos:—a vibratilidade delicada, sensitiva, verdadeiramente lyrica, dedicada ás damas d'aquelle tempo, e o appêllo ultimo á Patria nos seus extremos de seducção que a podem submergir.

Destacam-se neste sentido quadros de uma imagem puramente bella, cheios de um ideal magistralmente esboçado e digno de reparo.

Em Cintra, por exemplo, depois que os nomes dos cavalleiros que haviam de ir ao torneio foram tirados á sorte, vêmos essas Damas esbeltas, gentis, com a graça das boninas, o perfume das rosas, a meiguice e o amor das açucenas, todas entretidas na escolha de phrases que haviam de distinguir tão fogosos moços que assim a fortuna fadara para defeza do seu sexo. Diz-nos o poeta:

Passou-se o dia discorrendo á solta
Nos amenos jardins que o paço cercam,
Cantando e rindo, emquanto estão as damas
Recolhidas, sollícitas, compondo
As graciosas *Divisas,* que hãode á noite
Caber em sorte a cada cavalleiro.
Que intenções maliciosas! que mysterios,
Que prenuncios fatidicos encerram
Essas phrases concisas, sibyllinas!
São as doze Divisas extrahidas
Dos poemas francezes mais selectos,
Mais lidos pelas Damas.

Porém se de Cintra passamos para a Côrte ingleza, ahi a imagem do poeta, sempre fertil e graciosa, nos acompanha em todas as narrativas da sua acção. É ainda sobre a escolha das divisas, que em Inglaterra devem caber a cada uma das aggravadas damas, para assim estas saberem qual o cavalleiro defensor da sua honra, que as vêmos correr para junto do Rei e

Como um bando de pombas sobre um campo
Recem-semeado, as Damas gentis chegam,
Pressurosas, contentes, perturbadas,
E as Divisas da mão do Rei recebem.

Vê-se então essa magnifica acção em que cada dama se revê no cavalleiro que traz comsigo o mesmo symbolico distinctivo.

Mas se d'aqui ainda passamos ás amarguras da linda Etwalda, a quem coube a divisa de Magriço,—que foi por terra, e portanto ainda não estava naquelle momento,—vêmo-la na capella, pros-

trada de joelhos na frente do altar, exclamando em transportes de afflicção:

«Virgem! Mãe da piedade,
Da sorte a iniquidade
Que a tua mão suste-a!
Sem quebra da pureza
Da minha mocidade,
Agora esta incerteza
Mata-me em tanta angustia!
Acode á que delira;
Contra mim a mentira
Não seja triumphante!
A dôr é sem limite,
Succumbo a esta dôr;
Ah! piedosa, permitte,
Salvar-me em breve instante
Venha o meu Defensor...»

É sempre de um encanto suavissimo a sua poesia, revestida de uma tenuidade infinda que nos arrebata.

As damas são em todo o poema tratadas com uma delicadeza extrema; o leitor que não conheça Theophilo Braga phantasia-lo-ha com a figura de um *Sportman!*

De graça, de maviosidade, de encanto e sobretudo de amor, são repletas as suas

paginas quando toca naquelle sexo.—Se bem que, o poeta, no começo, ou por outra no primeiro e segundo cantos, nos deixa vêr claramente a dissolução ingenita das côrtes—quer aqui, quer lá.

Tem a mulher em si qualquer coisa que, se nos não inspira paixão, ao menos a piedade e o melindre da sua construcção physica e moral absorve-nos o sentimento e o ideal, e a nossa penna deslisa fovoravel por sobre as suas virtudes pouco reconhecidas.

Amenisa bastante a leitura da obra, esta dóse de sentimento feminil que o auctor faz resaltar em muitas paginas. Gostamos de vêr a mulher tratada com os respeitos devidos ao seu sexo. A sua fraqueza natural, deve por nós todos, que escrevemos, ser acatada com benevolencia, tratando sempre por lhe regenerar as suas qualidades tendentes ao vicio. A mulher por si, propriamente, não tem vontade sua, nem querer exclusivo—quer nós a vejamos em M.me Staël, ou na Rai-

nha Victoria. Tratá-la, pois, com suavidade e carinho, com brandura e amor, —embora muitas vezes, pela persuasão, tenhamos de a forçar a acceitar umas imposições domesticas. Na poesia, no romance, na critica, no livro, no trato, na conversa, e mesmo no exemplo, tratemos sempre de lhe radicar a persuasão no amor, isufflando-lhe por este meio a hygiene do espirito, a virtude da alma e a revivescencia salutar da vida physica.

E basta sobre a mulher. Deixemos-lhe conservar religiosamente o sagrado ideal do direito humano; em que ella sonha ser *deputada* da nação, *ministra, conselheira, imperatriz, chefe de repartição e de gabinete,*—deixemos-lhe essa doce illusão do futuro, que as idades irão demonstrando ser como a apparente approximação do arco iris, e continuemos nós, que passamos e vêmos tudo isso com um sorriso, a dar-lhe a educação que ella não tem, tratando-a sempre com o respeito e veneração que o auctor dos *Doze de In-*

glaterra nos ensina no decurso da acção. E adiante, de vez.

Uma outra emoção que nos fica depois da leitura desta obra é uma especie de appêllo á Patria, que o poeta reproduz num brado intimo, como que gemendo pelas desgraças advindas da nossa inepcia que, por ventura, possamos deixar alastrar:

Ai, se este Povo, que o passado affronta
E a veredas incognitas se arroja,
Se com o ouro defronta,
E na abjecção se roja!
Toda essa valentia e tanto heroismo,
Todo o vigor moral que ao tempo imprime,
Baquearão no desdoiro,
De que não se redime;
Se em vez do Amor da Patria, que sentia
E lhe dava a humana hegemonia,
Deixa absorver-se por venal Thesouro...

Esta ultima tirada do poema, deixa-nos como que assim bem entranhada a idea da restauração que todos nós devemos envidar pelo combate, pela critica,

pela acção, pelo livro ou mesmo pela politica. Ha aqui um sentimento patriotico que nos anima e conforta e nos alenta ao trabalho e á vida em pról da causa santa de Portugal. Sustê-lo na sua vertigem, arranca-lo da voragem, sobpôr-lhe um dique na corrente, irmos nós proprios ao seu encontro, pugnando, debatendo, esforçando até vencer os sustos do poeta —actualmente bem fundados—é o dever dos que escrevem e dos que estudam.

E ficamos por aqui.

Só resta felicitar do coração o grande vulto e sublime poeta Theophilo Braga, a quem pedimos venia das transcripções e desculpa da ousadia commettida, significando-lhe desde já a nossa crença no grande effeito que a sua obra produzirá no povo portuguez e brazileiro, desejando ao mesmo tempo que o *Viriato* que ha oito dias, pouco mais, «estava a arrefecer» se não faça esperar muito para bem de nós e da Patria.

NOTA FINAL

«Sumite materiam vestris, qui scribitis, aequam
«Viribus, et versate diù, quid ferre recusent,
«Quid valeant homeri.»

HORACIO FLACCO — *Arte poetica.*

Sob a judiciosa prevenção do grande mestre Horacio, faremos algumas considerações, concernentes aos capitulos expostos. É sempre util ir adiante da opinião que alheios observadores possam fazer a nosso respeito. Os criticos da moda, acho que vão cahindo na chamada eschola do elogio mutuo, que em bons tempos teve á sua frente o chefe magno, pontifice maximo, Feliciano de Castilho, —e, desde que o *factotum* da obra apreciada lhe não responda com dupla camada de adjectivos escolhidos—o critico, hoje, pouco diz, ou melhor, não diz nada.

Ponhamos, no emtanto isto de par e digamos do nosso intento,—que, de fo ma alguma, vae para defender este tr balho.

É de todos a opinião da obra, que pa todos é escripta.

É livre a faculdade de critica.

É livre a expressão do nosso pens mento,—se bem que na *legislação q felizmente nos rege*, vae adquirindo f ros de supremacia a lei das rôlhas—pa que aos olhos dos outros o nosso jui sobre o trabalho digno chegue abert mente. Mas não o poderiamos fazer se previamente avisarmos do que se pos pensar.

Julgar-se-ha sem duvida que a obra eminente poeta, a quem dedico este tr balho, em nada ascende no seu valor, co a presente publicação a seu respeito. Ju ga-se a verdade.

A obra está feita—e o profundissin conceito que d'ella resalta, tambem es patente.

Este escripto em nada vem defender a obra do mestre. Ninguem mesmo, que conheçamos, commetteu a imprudencia de a impugnar. Esse, que tal fizesse, trilharia pelo caminho da lagarta—iria abrir, por si, a cova, para se enterrar. Mas vem dar uma nota do effeito que produziu no publico leitor, na opinião generica,—na massa collectiva. Vem dizer ao publico que existe entre nós um grande, que passa pelo seu meio com uma modestia incomparavel, com lhaneza confundivel, cheio de talento, de grandeza e de amor patrio; vem dizer, emfim, que a palavra dos mestres, nem sempre cahe em terreno sáfaro, —mas que ao discipulo trás orgulho a sua grandeza admiravel, de quem aprende.

Ninguem melhor que o discipulo pode avaliar do mestre. Ninguem melhor que o leitor estudioso pode julgar do valor da obra. O mestre conhecei-lo, e a sua obra ahi está.

Mas o meu trabalho carece de um grandissimo elemento para ter um valor

assás digno do seu objecto,—e o nosso publico não gosta d'isso. Não gosta, nem admitte que os mediocres tenham a ousadia de erguer olhos de admiração para os superiormente elevados: sobretudo de fallar das suas obras. Orà eu reconheço-me, e posso bem julgar da primeira espontaneidade que affluirá á mente do primeiro que me ler... Dirá e dirá bem, com reconcentrada emphase: não está nas attribuições do commentador emittir taes opiniões—falta-lhe a *auctoridade.* Quem sabe? julgo até que serão capazes de abocanhar o nome do mestre, só por que este mereceu um brado d'alma, de admiração e orgulho, do ultimo dos seus discipulos! Porém, reparae bem, vós outros que assim pensaes: é para isso que esta nota vae addicionada ao livrinho.

Eu sei que é preciso isso que exigís. Tenho, mesmo, muitas vezes ouvido, com estes que vos supportam as tolices, a respeito de muitos trabalhos judiciosos, aliás de valor,—que está bem, que está bem

dito; mas é pena ser feito por este individuo! Não se avalia entre nós o que vale, o que deve ser, o que é,—porque não? mas sim o que cada um quer e o que pensa a respeito de um determinado ideal, de uma certa e determinada maneira de ver. E por isso já alguem bem avisado, observara que seria preciso, para se estar ao sabor de todos, escrever para cada um, uma obra differente. É caracteristico. A maneira assim de proceder, e de julgar, num meio estudioso e litterato, dá a idea precisa de um povo ou de uma collectividade. Não se attende a que o espirito bem intencionado despresa as coisas mesquinhas, para só acceitar e ter em vista aquellas que têm a sua base no bem commum,—e só no bem commum.

Reina a inveja no paiz dos cabulas, e por isso o retrocesso preside ao progresso. Reina a mesquinhez e a intriga, e por isso o abatimento é geral e desolador.

Horacio previu, e por isso foi aconselhando: «vós que escreveis—ou fazeis

critica—tende cautella, muito cuidado! em não abordar assumpto que esteja acima das vossas forças.» É justo, e por isso me precavenho.

Quem ler, portanto, a critica aos *Doze de Inglaterra* de Theophilo Braga, por um auctor desconhecido, sem cotisação no meio litterario portuguez—não digo todos, mas uma grande parte sentirá desejos, tentações, mesmo,—que a sua rabulice pouco decente lhe suggere,—de estigmatisar o arrojo do principiante, que assim ousa erguer as vistas de estudioso bem intencionado para a obra do mestre, commentando-a e dizendo d'ella o que a impressão da sua leitura lhe fizeram esplodir. Tenho que o virão a taxar de pouco coherente com o principio do auctor da *Arte poetica,* mas não importa. Saibam que elle assentou em que a equidade humana, o direito consuetudinario, e liberdade de critica espontanea, fornecem a todo o cidadão bem orientado esclarecimentos precisos, para ser admittido

na republica das lettras o brado sincero da sua admiração pelos grandes talentos, desde que o seu juizo seja consentaneo e harmonico com os homens mais dignos, declarados a tal respeito.

E desde que o brado d'alma, subordinado á idéa de critica, seja a expressão sincera do valor da obra, o principiante deixou de o ser, para se converter num apreciador convicto dos bons ideaes e dos obreiros que lhes dão acção.

O poema de Theophilo Braga, cujo parecer aqui levemente esboçamos, é a obra poetica mais grandiosa que nos ultimos tempos se tem produzido no continente europeo. A sua acção, como vimos, é magestosa e imponente, soberba e divina; em frente d'ella, o bom discipulo, ainda que mediocre enthusiasta, mal póde calar o que n'alma lhe actua de sentimento, para não dizer bem alto da justiça da obra. Mas não é só o discipulo que admira e venera o mestre — que muito bem pode cahir no defeito da parcialidade — que as-

sim avalia e reproduz; são com elle os frios e rigidos observadores, directores da critica e abalisadas auctoridades que com elle pensam, que com elle bradam, e que com elle o communicam. É a imprensa brasileira e a imprensa portugueza que se unem para tecer em grinalda a corôa que, de justiça, se deve tributar, como apotheose de gloria, ao arrojadissimo auctor dos *Doze de Inglaterra*. É emfim todo o que leu este poema com interesse patrio e imparcialidade critica, que envia protestos de louvor ao engenho e talento que presidiram á producção da obra.

Na vanguarda dos que devem ser distinguidos nesta solemne apreciação destaca-se, com judiciosa auctoridade, uma das figuras mais brilhantes da mentalidade feminina em Portugal, a erudita e primorosa escriptora, philologa distincta e critica imparcial, a snr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos. Foi com prazer de enthusiasta, e felicidade de admirador que, já depois de impresso o texto da nossa apre-

ciação, viemos a saber de uma carta enviada por ella a Theophilo Braga, em que lhe manifesta a sua impressão pelos *Doze de Inglaterra*. E tanta foi a nossa alegria, quanto o prazer que temos em podermos reproduzir aqui alguns trechos seus, como apoio e testemunho de que a nossa maneira de ver se reflecte tambem no espirito dos primeiros pensadores e estudiosos.

Diz ella nessa carta a Theophilo Braga a respeito do seu trabalho:

«O poema, li-o todo, com verdadeiro prazer. Admiro a arte com que V. juntou factores positivos, combinando successos verdadeiros e outros lendarios, com liberdade engenhosa, bem se vê, mas ainda assim com exactidão sufficiente para contentar rigoristas que não admittam que a phantasia do poeta modifique factos e typos historicos. Todas as figuras que desenha, todas as tradições poeticas a que allude, os ditos e rifões citados, os variadissimos *intermezzos* lyricos e dramati-

cos que interrompem a narração, formam um conjuncto encantador. D. João I e os inclytos Infantes, Aljubarrota, a Ala dos Namorados, e os Fieis do Amor; Nun'Alvares, João das Regras, e Martim d'Ocem, Vasco do Lobeira e o seu *Amadis;* Anna d'Arfet e Machin; Froissart e Chaucer; Van-Eyk e a Bella Portugueza; Ignez de Castro e a Flor de Altina; D. João d'Eça ou de Tenorio; a Barca de San Brendan e o Mar Tenebroso; San Thiago de Compostella e o Peito Bordelo; as Covas de Salamanca e o Escolar das Nuvens, as Ilhas Encantadas e o Preste João; visões e prophecias que apontam para a epoca dos Descobrimentos e das Conquistas; hespanholadas expressivas;—Divisas em francez, Loas e Soláos; Gestas e Romances; Tristão e Yseult; Wolfran von Eschenbach e o Lohengrin; Carlmagno e Roland, nada falta ahi. Temos n'esse grandioso quadro (um, entre sete que V. planeia!)—uma lucida synthese da Epoca de D. João I, e ao mesmo tempo a idea-

lisação conscienciosa e carinhosa de todas as manifestações medievaes do genio amoroso do povo portuguez e do espirito cavalheiresco que animou a nação nos seculos XIV e XV, impellindo-a a acções heroicas.

«Continuador inspirado de Almeida Garrett, V. prestou a esse poeta a mais significativa entre todas as homenagens a que o seu Centenario deu motivo.

«No meio d'este formidavel baquear politico e da desnacionalisação do mundo portuguez, consola vêr como V. hastêa bem alto o pendão da mentalidade portugueza. Bemdito seja!» [1]

Theophilo Braga ensaiando, nas *Folhas Verdes,* publicadas em 1859, um vôo arrebatado pelo perfumado campo do lyrismo,—tentamen significativo para o logar de poeta que aspirava,—veio a abrir as pandas azas com a concepção

[1] Datada do Porto a 17 de Abril de 1902.

ideal de um plano de poesia moderna, que conseguiu pôr em pratica na elaboração da *Visão dos Tempos*. «A poesia, diz elle ali, estuda-se como todos os factos do espirito. É na religião que ella se sente, na natureza que ella se lê, é pel sentimento que se traduz. O systema religioso de Homero é o anthropomorphismo; esta creação das divindades com forma, com as paixões do homem, é a passagem do naturalismo, ou a apotheose das forças physicas da natureza, para a religião da metaphysica. E que altar mais risonho do que a Grecia, paiz onde a harmonia se reflectia em tudo, em cujo seio parece haver caído uma gôta do leite de Amalthêa, do leite que alimentava os deoses.

«A contemplação da natureza tinha a forma de culto na infancia dos povos; cada elemento tem seu nume, o mar nereydes e tritões, a arvore uma deyade, a floresta satyros e faunos, e os rios, que ouviam os vagidos dos poetas, como o Achi-

lous, o Cayastro, o Iliseo, tinham a nayade timida que apparecia e se mirava no crystal á hora mais voluptuosa da sésta, espreitando os seios do que dormia descuidado na relva do prado ao murmurio do cannavial flexivel. *Summa florum caput extulit unda.* A Grecia era uma deosa a banhar-se na onda gêa, cercada pelas Cycladas como um côro de nymphas engraçadas; o braço do oceano sobre que ella se reclina devia attrahil-a, arrebatal-a, como o touro da Europa.»

E assim profundando as bases sobre que assentava a poesia grega, e de como d'ellas lhe advinha o impulso,—perfurando e investigando todas as causas directas e indirectas que immediatamente communicam com o sentimento, Theophilo pôde conseguir e, pelas leis reformadoras da evolução e do movimento moderno, achar a nota real da comprehensão scientifica, nova, e encaminhar por este lado o seu ideal poetico. Foi um esforço reaccionario e custôso que o poeta fez actuar so-

bre si mesmo, obtendo assim o que qu
ria, e colhendo o primeiro triumpho con
publicação da *Visão dos Tempos*. D'es
livro, que é uma das creações assombr
sas da intellectualidade humana, escrev
Anthero do Quental: «O auctor da *Vis
dos Tempos* teve em vista apresentar-r
a historia da humanidade, resumida r
tendencias mais profundas do sentimer
humano atravez das edades. Se o cons
guiu absolutamente não o diremos n
Descer a todos os infernos, voar a toc
os paraisos, que a alma do homem te
atravessado desde a hora primeira do s
genesis, não é trabalho de um livro, ne
de um poeta. Victor Hugo não o cheg
a fazer na sua *Legenda dos Seculos*.

«Mas que monta isso? O que a ar
pedia aqui não era a totalidade dos p
riodos historicos, mas sim a verdade
um ou d'alguns d'elles. As edades que
poeta tocou com a sua vara magica e
guem-se vivas no seu poema, e quaes f
ram, quaes deveriam ser, verdadeiras, se

tidas, levantam-se e apparecem brilhantes de realidade, movendo-se no largo campo da arte. Estudar a antiguidade é facil; interpretal-a pode fazel-o a meditação; sentil-a, só o olhar prophetico do poeta o logra. A Grecia, principalmente, mostra-se ahi tão serena, tão pura, tão alumiada pelo ceu azul da Arcadia, que nos achamos mais de uma vez duvidosos se é um homem do seculo XIX que escreve, se um antiquario que publica alguns cantos ineditos de Anacreonte ou Sapho, agora descobertos n'algum templo da Jonia ou do Pireu. Mas não: o poeta moderno vê-se ali, vê-se ali o artista, que estuda tanto, quanto sente, na arte infinita com que soube juntar n'um poema todos os elementos da vida da Grecia patriarchal. Os amores e os deuses, os sacrificios e as navegações, o prazer voluptuoso e os fados escuros, tudo ali se enlaça harmoniosamente em volta á mesma concepção, como nos templos da Attica porticos, altares, estatuas, columnas, to-

das as formas se combinam n'uma só e unica ideia artistica.» [1] Tudo isto a primeira serie da *Visão dos Tempos* encerra por uma forma harmoniosa e positiva, em que o philosopho já vae erguendo as suas vistas ao lado do poeta, tocando em todos os pontos da obra classica, de que faz sobresahir e rebentar novas vergonteas de um symbolismo moderno—encantador e unico. Esta inspiração despertou em todas as mentalidades portuguezas um arranco de admiração e preito, que Pinheiro Chagas, Moniz Barreto, Oliveira Martins, Camillo Castello Branco e outros, traduziram em phrases de honra e louvor perante o grande poeta que implantava no meio de todos a nova forma, prevista por Augusto Comte.

Este novo plano, que o poeta estudou

---

[1] Pode ler-se no *Seculo XIX*, de Penafiel, numero 11 de 1864, e no livro do Teixeira Bastos—*Theophilo Braga e a sua obra.*

profundamente antes de dar começo á acção, continuou-se nas *Tempestades sonoras*, na *Ondina do lago*, nas *Torrentes*, e ainda mais accentuadamente nas *Miragens seculares*, com o genio e potencia de um mestre, que segue o seu ideal, conscio do effeito que elle vae produzir.

Este ideal intitulou-se a *Epopêa humana*, por que ahi se concretisa, ou idealisa, os mais brilhantes resurgimentos de uma epopêa classica, a caminhar ordenada e concatenadamente por todas as epocas preteritas e presentes para um futuro glorioso e triumphante, em que o poeta e o philosopho poderão fazer parte da mesma individualidade, mas sem se confundirem, combinando-se no mesmo ideal, sem se transportarem ou cederem dos logares respectivos. E seguindo nesta ordem de idéas, emquanto o philosopho for descobrindo novos processos no mundo imperialista da acção scientifica, o poeta, o artista, i-los-ha harmonisando e dispondo

accessivelmente aos olhos da intelligencia collectiva, suggestionando-lhe o pensamento para um effeito real e facil—e predispondo-a para a comprehensão verdadeira dos phenomenos complexos da humanidade.

Theophilo Braga, dispondo do grande engenho e profundidade scientifica que o caracterisa, tentou ensaiar esta concepção scientifica, positiva, e conseguiu distinguir-se entre os mais ousados; não pôde Camillo retrahir a sua admiração e exclama: «*livros assim compostos* de peças d'este acume e primor, *seriam dignissimos* da *Visão dos Tempos!*»

Ha em todas estas cinco series que Theophilo destinou ao grande poema da *Visão*, trechos de belleza incomparavel, alguns mesmo de uma suavidade mystica, idealmente contrarios á indole d'este escriptor, mas que arrebatam o coração e alma dos menos crentes. Das *Miragens seculares* disse Moniz Barreto: «Uma serie de poesias entre as quaes avulta a for-

mosa composição latina *Dilexit multum* pinta a denominação do Christianismo, e a conquista gradual dos espiritos pela enervante acção do mysticismo. A agil e fecunda intelligencia da Grecia, a austera alma de Roma, são successivamente attrahidas e vencidas até que finalmente a Europa não é mais que um vasto ataúde onde dorme esperando o despertar da Renascença o cadaver da nossa raça. Apesar de profundamente adverso ao espirito medieval, Theophilo Braga tem a felicidade de achar a linguagem propria para exprimir esses estranhos e doentios estados psychologicos, que foram os normaes durante os seculos que mediaram da queda do Imperio Romano ao começo da edade moderna.»—Porém, emquanto a mim, em poema algum de Theophilo Braga, essa *linguagem propria* se traduziu mais originalmente que nos *Doze de Inglaterra.* Foi um triumpho, esta sua preconcebida creação.

A par do *Dilexit multum* existem

poemetos no decurso da *Visão dos Tempos* que só por si, quando mais não houvesse a auxilia-los, constituiriam a gloria triumphal de um escriptor que a mais não ambicionasse. Encontram-se d'elles traducções em quasi todos os idiomas da Europa. *A sombra do propheta* e a *Infancia d'Homero* mereceram especial attenção do distincto poeta castelhano Curros Enriquez, que os verteu para a sua lingua. Ao Dr. Emilio Teza, egualmente a *Infancia d'Homero* attrahiu, traduzindo-a para italiano com a *Stella matutina.*—D'este ultimo poemeto disse Pinheiro Chagas nos seus *Ensaios criticos:* «Se Theophilo Braga se restringisse á imitação dos modelos hebraicos, não encontraria os modelos da delicadissima ideia da poesia a que deu o titulo de *Stella matutina.*» Camillo Castello Branco accrescentou: «É uma sonora e encantadora phantasia. A lagrima falla com Jehovah em termos tão ameigadores, que, por isso, fica radiante estrella, engastada no empyrio.»

O Dr. Francesco Paolo Pace, maravilhado tambem pela belleza da forma e conceito dos poemas da *Visão*, vertera para o mesmo idioma o *Poema de Camões*, o *Riso de Cervantes*, o *Delirio de Petrarcha*, a *Phrase de Miguel Angelo*, e o *Beijo de Tasso;* Marco Antonio Canini, *Muero por que no muero;* o P.e Prospero Peregallo traduzira o *Jesus Mendigo;* Diego Garoglio *Canzone de Fatima; Preludios da Ondina do lago, e trechos lyricos* por Agiovani Voltan; e a mesma obra—*Ondina do lago*—em prosa, com os entrechos lyricos, publicada pela «Biblioteca Universale», por Antonio Padula e Agiovani Voltan. [1] Todas estas obras, se vê, que des-

[1] Em prefacio a esta traducção, encontra-se uma carta de Theophilo Braga, que assim define a sua obra: «—*L'Ondina del Lago* è una espressione di questa tonolità, fissa l'emozione delle tradizioni cavalleresche germano-scandinave, nella forma medesima in cui nella vasta Epopea stanno le vibrazioni delle emozioni cavalleresche gallo-franche, celto-sassoni e spano-arabe.» Após esta synthese, o auctor offerece-nos uma larga exposição sobre o thema que presidiu ao

pertaram em Italia o mais vivo interesse pelo elevado conceito moral de que dispõem, e pela universalidade ideal que as caracterisa. O movimento intellectual da patria de Dante e Petrarcha, manifestaram com estas traducções, primorosas e elegantes, um preito ao trabalhador incansavel, que no estremo occidente da Europa é o grito de revolta e o prototypo da actividade mental ao serviço da sciencia humana. Brinni Gaubast dá-nos em francez a traducção da *Perola d'Ophir*, —que a Teixeira Bastos fez exclamar: «Tem a simplicidade ingenua da alma popular, mas tambem que sentimento e que grandeza!» E Pinheiro Chagas nos

largo entrecho da *Ondina*. Ali resalta a *Lyra d'Orpheo* a que Virgilio, Dante, Siciliano, Petrarcha, Camões e Goëthe, deram o maximo relevo nas divinas inspirações das suas composições poeticas: —... «quella Lira fluttuante illuminava come un crepuscòlo di alba imminente quel mare interno, facendo comprendere l'unitá della civiltá occidentale ai focolari sparsi uslle sue rive: l'Egitto, la Palestina, la Ellade, l'Italia e la Spagna.»

seus *Ensaios criticos:* «A *Sémida* e a *Perola d'Ophir* são duas glorias para o artista; mas a ideia religiosa, tudo em Israel, tudo tambem na India, apenas se entremostra nessa pastoral e nesse drama.» Em allemão encontram-se, ao lado da obra de Luiz de Camões e algumas partes da de Garrett, as traducções da *Graça inefavel* e dos sonetos *A carteira,* o *Enlevo,* a *Desolação* e o *Passado,* pelo Dr. Wilhelm Stork. Goran Byorckmann quiz tambem transplantar para a Suecia algumas obras do grande poeta do Occidente, e traduziu para aquelle idioma o *Poema de Camões,* a *Phrase de Miguel Angelo,* e o *Soneto a Miguel Angelo!*

E eis emfim a obra poetica de Theophilo Braga espalhada por todos os paizes da Europa, estimada com afan e elogiada com enthusiasmo pelas intelligencias cultas do mundo intellectual moderno. E eis tambem a razão por que a admiração pelo grande artista não consentiu que o auctor d'estas linhas, calasse a pro-

funda impressão que se accentuou no seu espirito com a leitura dos *Doze de Inglaterra,* poema que, a seu vêr, está acima de todas as suas outras producções.

«A poesia legendar de um povo — dissera elle em prefacio ás *Torrentes sonoras* — é a que melhor retrata seus sentimentos e costumes e transformações e lutos e progressos; é o retrato da sua natureza, a intuição de si, uma consciencia tangivel.» É por isso a primeira entre todas a poesia que descreve as emoções de um povo, nas suas tradições e no seu ideal, no seu sentimento e na sua acção. Os *Doze de Inglaterra* estão neste plano.

E agora me vem á mente, novamente, aquella phrase de Horacio que tomei para base d'estas considerações, que me parecem sufficientes para desculpar a ousadia do principiante, suppondo com isto ter provado satisfatoriamente a imposição da sua tentativa neste ensaio de critica á obra de Theophilo Braga.

Se me impugnarem a falta de auctori-

dade, ahi ficam bastantes a que poderão recorrer, no caso da sua laboriosa actividade querer tomar para objecto dos seus esforços o testemunho de individualidades insuspeitas.

A obra poetica de Theophilo Braga succede-se continuamente, activamente, já em Poemas como o que faz objecto d'estas considerações, já em poemetos como a *Psychose do Fausto*, de que fallamos no segundo capitulo. É preciso notar, no emtanto, que a *Visão dos Tempos* que hoje se encontra em edição integral, pela casa «Lello & Irmão», constando de quatro grossos volumes, foi quasi toda publicada como primeira edição, em pequenos poemetos, como *O Baptismo das Náos, O Velho do Restello, Mais Mundos*, que virão mais tarde a succederem-se em volume á *Visão dos Tempos*, e já hoje fazem parte de uma vasta obra inedita que o seu auctor tenciona dar em edição integral. Qualquer d'estes tres poe-

metos são mais uma manifestação da grande obra do mestre. Trata o primeiro da cerimonia religiosa — baptismo — das tres náos: «S. Gabriel, S. Raphael e S. Miguel,» que D. João II destinava ás descobertas maritimas. O poeta mostra-nos como o Rei, depois de promptas as embarcações, e prestes a serem lançadas ao Tejo, vem com o Bispo e os nobres ao porto da Ribeira, consagrar com a sua presença, em assignalada festa, o acto solemne da invocação aos archanjos, para que lhes dispensem protecção e auxilio nos conhecidos perigos da nautica. *O Velho do Restello* descreve-nos a entrada de Vasco da Gama no Tejo, a sua chegada a Lisboa e o seu desembarque entre pompas e festins reaes. Parecem ser, como de facto são, o alpha e o omega, de um soberbo poema, distinado a celebrar a descoberta da India, á semelhança de Luiz de Camões e de José Agostinho de Macedo. O terceiro poemeto, *Mais Mundos,* foi publicado a instancias da com-

missão executiva e promotora, que em 1900 levava a effeito, no Rio de Janeiro, a festa em commemoração do quarto centenario da descoberta do Brazil. Neste poemeto canta-se esta nossa aventura historica, e quão gloriosa! — São pedaços destacados de uma grande epopêa que, para nossa gloria, iremos possuir, como continuação á epopêa humana.

Emfim, «a poesia collectiva é verdadeiramente moderna; o prefacio da epopêa do seculo XIX é a philosophia da historia... só baseado sobre o conhecimento exacto da collectividade póde o poeta conceber o ideal» — disse Oliveira Martins a este proposito. — «Isto comprehendeu Theophilo Braga, e é por isso que os seus poemas são verdadeiras obras d'arte.»

Antes, porém, de pôrmos fim a esta nota, como convinha, força-nos o nosso amor proprio a dar uma succinta explicação de uma passagem que o leitor terá

encontrado no capitulo segundo d'este livro, a paginas 21, e em que, porventura, reparou. Diz-se ali: «Eu esperava outra coisa de Theophilo Braga—palavra d'honra! Esperava versos de um philosophismo transcendente, profundo—mas pesado, retumbante, cahindo ás vezes no doutrinarismo positivo e forte, sem o chiste vibratil que os realmente poetas sabem intercalar nas grandes scenas da emoção; etc.» Diz-se isto, não porque desconhecessemos no auctor dos *Doze de Inglaterra* engenho e envergadura bastantes para nos dar no seu poema um cunho de grandiosidade esthetica, como convinha,—pois que abastadamente o conheciamos da vasta obra poetica que acabamos de citar,—mas simplesmente para darmos uma nota clara do nosso espanto pela suprema evidencia do seu conceito. Theophilo Braga é realmente um poeta, e um poeta moderno; mas o que nós lhe desconheciamos —visto que nas suas outras obras não tinhamos distinguido o que na verdade ali

deparamos — era esta vibração patriota e classica, modelada na energia dos grandes guerreiros, como D. Nun'Alvares, e nos divinamente arrojados, como D. Affonso Henriques. Suppunhamos, então, ao ouvirmos fallar dos *Doze de Inglaterra*, neste facto escuro e lendario d'aquella epoca de heroismo, que Theophilo lhe teria dado uma direcção differente — como seria pôr em foco a acção de um reinado sublevantado, com o fim de se justapôr a um ideal positivo este feito heroico e energico dos nossos valentes, que ainda não tinham segura noção da philosophia moderna. Suppunha — sem fundamento, é verdade — que era d'esta maneira nova de conceber o facto philosophico, que o seu auctor, dispondo do vasto talento que hoje o caracterisa, se serviria, para assim elevar á litteratura epica, esta lenda patria, e divinalmente honrosa.

Depois de lermos e de vermos a direcção que neste livro se destaca, reconhecemos claramente o ingenuo disparate que

a nossa maneira de pensar commettera, julgando que um philosopho, por mais philosopho que seja, despresaria a emoção esthetica e o amor patrio, para seguir cegamente um ideal exclusivista. Mais uma vez se accentua o que Augusto Comte previra: o philosopho e o poeta marcharão na mesma individualidade, amparando-se, desenvolvendo-se, e rasgando horisontes para a clarificencia do mundo moderno.

Quando realmente o philosopho tiver a dita de chegar a ser um grandissimo poeta, o pensamento humano terá attingido o seu fim!

FIM

INDICE

—

	A quem ler	9
I	Um thesouro — um livro	11
II	Primeira impressão	21
III	Os doze de Inglaterra	31
IV	Estylo e cadencia poetica	39
V	A emoção no amor	49
VI	Lendas do poema	61
VII	O elencho do poema	75
VIII	Ultimas emoções	85
	Nota final	93

Theophilo Braga

Visão dos Tempos (Epopéa da humanidade) 4 vol. . . . . 2$400

A Patria portugueza (Territorio e raça) 1 vol.. 600

Historia da litteratura portugueza:

—Introducção e theoria da historia da litteratura portugueza, 1 vol.. 700

—Bernardim Ribeiro e o Bucolismo, 1 vol. . 700

—Sá de Miranda e a Eschola italiana, 1 vol.. 700

—Gil Vicente e as Origens do theatro, 1 vol. 800

—Eschola de Gil Vicente, 1 vol. . . . 800

Camões e o Sentimento nacional, 1 vol. 600

—A Arcadia lusitana, 1 vol.. . . . . 1$000

—Filinto Elysio e os Dissidentes da Arcadia, 1 vol.. . . . . 1$200

—As modernas ideias na litteratura portugueza, 2 vol. . . . 1$500

—Bocage, sua vida e Epoca litteraria—*No prélo.*

*

As Lendas christãs, 1 v. 700

Os Doze de Inglaterra, poema, 1 vol.. . . . 500

Flaubert

Salammbô, 1 vol. . . 700

Tentação de Santo Antão 400

Madame Bovary, 1 v. *No prélo.*

João Chagas e ex-tenente Coelho

Historia da revolta do Porto, br.. . . . 1$800

Com uma linda cart. 2$500

José Sampaio (Bruno)

Notas do exilio, 1 vol. . 600

O Brazil mental, 1 vol.. 800

Os modernos publicistas portuguezes. *No prélo.*

A Idéa de Deus. »

Teixeira Bastos

Interesses nacionaes . 700

A Crise 700

Poetas brasileiros . . 400

Rumores vulcanicos . 500

Theophilo Braga e a sua obra 700

José Caldas

Os Humildes, 1 vol.. . 400

Os Jesuitas; a sua influencia na actual sociedade portugueza; meio de a conjurar, 1 vol. 600

Historia de um Fogo Morto —subsidios para uma historia nacional. *No prélo.*

Ramalho Ortigão

John Bull, 1 vol. . . 600

Electra, drama, 1 vol. . 500

Abel Botelho

O Barão de Lavos, 1 vol. 800

Livro d'Alda, 1 vol.. . 800

Amanhã, 1 vol. . . . 1$000

Sem remedio..., 1 vol. 500

Lazaros *No prélo.*

Prospero fortuna »

Stanford University Libraries
3 6105 124 449 245

Stanford University Libraries
Stanford, California

Return this book on or before date due.